



UNIVERSIDADE  
CANDIDO  
MENDES

LEONARDO BAUBERGER

Exercícios sobre a duração:  
procedimentos da performance para a geração de disposições de dilatação de tempo

RIO DE JANEIRO

2014



LEONARDO BAUBERGER

Monografia apresentada para  
Conclusão do Curso Superior  
de Bacharelado em Teatro, da  
Universidade Candido  
Mendes.

Exercícios sobre a duração:  
procedimentos da performance para a geração de disposições de dilatação de tempo

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Rinaldi

RIO DE JANEIRO

2014

Exercícios sobre a duração:  
procedimentos da performance para a geração de disposições de dilatação de  
tempo

Monografia apresentada para Conclusão do Curso Superior de Bacharelado em Teatro, da Universidade Candido Mendes. sob a apreciação da seguinte Banca Examinadora:

Aprovado em \_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_.

---

Prof. Orientador: José Luiz Rinaldi

---

Prof.<sup>a</sup> Heloísa Lyra Bulcão

---

Prof. Oscar Saraiva

Aos gametas-gatinhos Ilana Bauberger e Ricardo Fried,  
responsáveis pela faísca que vos escreve

A Carolina Bauberger, zigoto primeiro e inspirador  
qual completa a montanha rochosa dois irmãos

A Aimée Serafim, aprazível de amor  
minha força motriz de sorrisos e ímpetos

Ao pai Oscar Saraiva, não há alegria maior  
coração apertado de tanto afeto

Ao José Luiz Rinaldi, gigantesca gratidão  
generosidade e acolhimento inefáveis

Ao Coletivo Janette Pira, progenitor de  
portos, sonhos, amizades, paixões e tiranossauros

Ao Kleper Gomes Reis, guru e mestre  
fúria de quimeras

Ao Hudson Salustiano, colaborador impecável  
criador dos meus portais

A Aline Nabisi, Giancarlo Cavalcante, Nino Lizardo  
e Pedro Poema,  
irmãos de afeto, carinho e amor

Ao Michel Melamed, Hélio Machado e Caio Ruas,  
fomentadores dos primeiros brotos

“Uma das razões da atmosfera asfíxiante, na qual vivemos sem escapatória possível e sem remédio - e pela qual somos todos um pouco culpados, mesmo os mais revolucionários dentre nós -, é o respeito pelo que é escrito, formulado ou pintado e que tomou forma, como se toda expressão já não estivesse exaurida e não tivesse chegado ao ponto em que é preciso que as coisas arrebentem para se começar tudo de novo.”

Antonin Artaud, em *O Teatro e seu Duplo*

## **Resumo**

Esta pesquisa ocorre em duas instâncias. A primeira é voltada ao desenvolvimento de processos criativos no âmbito da performance. Uma busca para compreender quais dispositivos colaboram como gatilhos para um momento de criação ocorrer. Posteriormente, em um segundo momento, derivado do foco trabalhado na primeira instância, são trabalhados procedimentos da performance para geração de disposições da dilatação de tempo.

**Palavras-chave:** Fluxos de pensamento, Gatilho, Sonhos em Vida, Criação, Privação, Duração, Dilatação, Intermitência

## **Abstract**

This research takes place in two instances. The first one starts on the development of creative processes using performance as circumstance. A quest to understand which actions collaborate as triggers for a moment of creation occur. Subsequently, performance procedures are worked for generating possibilities for dilatation of the time.

Keywords: Flow of thought, Trigger, Dream Life, Creation, Deprivation, Duration, Dilation, Intermittence

## SUMÁRIO

Introdução.....	1
1. Epifanias da criação.....	1
Prólogo ou A primeira faísca:	
“sonhos em vida”, “fluxos de pensamento” e “gatilhos”.....	1
Agosto de dois mil e catorze:	
Visitando uma loja de materiais de construção.....	2
duas lembranças + um poema.....	3
Vitrine.....	5
Uma grande nota de rodapé.....	6
Pós-Vitrine ou Um primeiro grifo.....	7
Setembro de dois mil e catorze: Partilhando sementes.....	7
Excesso de materiais e um certo torpor.....	9
Recortando e observando o próprio nariz.....	9
Simulando um banho.....	10
Outubro de dois mil e catorze: Agarrando o ar.....	11
Oito de outubro de dois mil e catorze, durante a manhã:	
Dificuldade em achar metodologias.....	11
Outros olhares: chocando um ovo.....	11
Oito de outubro de dois mil e catorze, durante a noite:	
Uma possível metodologia.....	12
Nove de outubro de dois mil e catorze:	
a) um possível porto.....	12
b) renascimento.....	13
Da série privação de sentidos nº1: visão.....	14
Ondas em copo d'água.....	16
Aquecimento do grito.....	16
Copo d'água em sua repetição.....	17
Da série privação de sentidos nº2: braços.....	17
Conciliações.....	18
Copos como maré ou Ondulações do grifo duração.....	18
Arroz em linha de montagem.....	19

Nove de outubro de dois mil e catorze:	
Banca de Qualificação.....	20
Retalho de sonhos.....	20
O menino que se apaixonou por detrás ou	
Esgotamento do primeiro ato.....	22
Ponto de mudança.....	22
2. <u>Duração</u> .....	24
Indo em direção as dilatações de tempo.....	24
Vinte e um de novembro de dois mil e catorze:	
Da série privação de sentidos nº3: alimentação.....	24
Intermitência de universos.....	26
“Intermitência” como performance.....	27
Desenvolvimento	
a) olhar e movimentação.....	28
b) exercícios antigos reverberando.....	28
c) introduzindo o fogo.....	29
d) no escuro.....	29
Falta alcançar.....	29
Preparação cênica.....	30
Salto temporal.....	31
3. Regurgitofagia: a título de conclusão.....	34
Referências e suporte à pesquisa.....	36
A) Bibliografia textual.....	36
B) Sites encontrados na WWW.....	36
Anexo.....	38
Projeto Retalhos.....	38

## **Introdução**

Esta pesquisa tem dois instantes. O primeiro intento diz respeito a criação. Ao decorrer das páginas você verá as minhas tentativas em formular procedimentos e treinamentos para entender como processos de criação ocorrem. Apresento e desenvolvo o que chamarei durante a pesquisa como “sonhos em vida”, resultado criativo de “fluxos mentais alterados”. Durante o breve aprofundamento que realizei sobre este desejo, percebi ser muito mais complexo, extenso e profundo do que imaginara, sobre o qual continuarei pesquisando ao longo de minha vida.

A segunda parte da pesquisa diz respeito aos exercícios de duração no âmbito da performance, com o intuito de gerar disposições para dilatações do tempo. Este recorte desdobrou-se no momento em que percebi que os estudos dos “sonhos em vida” eram muito abrangentes e difíceis na transposição para uma apresentação cênica performática com um tempo definido. Embora sejam instantes diferentes, não há cisão entre os dois. Um momento ocorre e alimenta-se do outro, fazendo uma espécie de elo.

## **1. Epifanias da criação**

### **Prólogo**

**ou**

### **A primeira faísca: “sonhos em vida”, “fluxos de pensamento” e “gatilhos”**

Um dos intentos desta pesquisa está na tentativa de observar como é formada a primeira faísca de um processo criativo. Aquele primeiro “gatilho” que se origina antes mesmo do pensar, da cognição, do contornar das formas. A pedra em atrito com a outra pedra que gera um primeiro calor.

Nossos fluxos de pensamento estão direta e indiretamente ligados à forma como agimos. De um modo geral, já estamos predispostos a nos comportar de uma forma padronizada em inúmeras circunstâncias. Somos a todo momento censurados a deixar nossa imaginação, nossa criatividade fluírem, cerceando a possibilidade de nos conduzirmos com um olhar poético/criativo no dia a dia.

O que chamarei no decorrer de minha pesquisa de “sonhos em vida”, é o resultado criativo de fluxos mentais alterados, onde permitam-se aberturas porosas no fazer; isto é, que cheiros, imagens, toques e sensações possam se integrar e interferir sem barreiras. Sem preocupações de compor ou julgar sentidos “lógicos” ou narrativos. Nesses fluxos, geram-se fagulhas, como pequenos fragmentos de sonhos; dizeres que podem conter objetos, palavras, elementos, etc.

O foco porém, não está no resultado dos “sonhos em vida”, e sim em como estes podem ocorrer, o que provoca os seus estopins. É um passo antes – ou entre - o despertar de uma possibilidade criativa. Quais são os “gatilhos” possíveis para gerar fluxos responsáveis para estes sonhos? Meu esforço encontra-se na tentativa de formular procedimentos/treinamentos para gerar essas outras qualidades de fluxos de pensamento.

Penso no uso da “performance art” como circunstância escolhida, por enxergar nela um ambiente propício e natural para um estudo dessas questões. Dentro do seu universo há a possibilidade de achar procedimentos para alteração dos fluxos de pensamento, através de exercícios que usam de sinestesia para o aguçamento dos sentidos, servindo tanto para as propostas de preparação quanto para a realização de performances propriamente ditas.

## **Agosto de dois mil e catorze:**

### **Visitando uma loja de materiais de construção**

Em futuro estudo, a ser publicado em conceituada revista do meio científico, será comprovada não só a existência, mas os índices alarmantes da incidência da cárie cerebral. O fenômeno, que atinge povos de diversos países, tem como uma das suas principais causas, como é de se esperar, os péssimos hábitos alimentares das populações, cultivados, principalmente, pelo consumo exagerado de enlatados americanos, novelas açucaradas e conceitos embutidos.<sup>1</sup>

São incontáveis o número de personas que criamos para cada ambiente em que atuamos (família, trabalho, locais públicos, paredes de um chuveiro). Todas estão conectadas e transbordam entre si. Afinal todas ocupam um só corpo. Diante disso, toda nossa absorção – alimentar, intelectual, sensorial - é o que fomenta nossa paleta criativa.

Dos materiais que já havia lido e visto em minha vida, quais deveria visitar que teriam a ver com o que desejo pesquisar? Foi então dada a largada para a regurgitofagia<sup>2</sup> de

---

1 MELAMED, Michel. Regurgitofagia”. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, p.88

2 Palavra título dada ao livro de Michel Melamed, onde o próprio autor a define: “Regurgitofagia: vomitar os excessos a fim de avaliarmos o que de fato queremos redeglutir.” (MELAMED, 2005, p.71-72)

livros, vídeos e teses que abasteciam a minha “memória-inspiração”. Elegi materiais escritos de pensadores como Antonin Artaud, em especial o livro *O Teatro e seu duplo* (2006) e o texto *Pesa nervos*; Kleper Reis, com sua tese *Incômodos: Para quem ainda vier a me amar* (2011); André Breton com seu “manifesto surrealista”; o livro *Lygia Clark - Hélio Oiticica: Cartas (1964-74)* dos respectivos artistas; Luiz Roberto Galizia com *Os Processos criativos de Robert Wilson* (1984); E em relação aos materiais visuais, obras de artistas como: Marcos Paulo Rolla, Márcia X, René Magritte, M.C Escher, além das obras visuais dos artistas citados anteriormente.

Reli estes materiais buscando estímulos para o exercício de diferentes abordagens e perspectivas no âmbito dos sentidos, das lógicas e das razões que operam o mundo. O exercício de revisitar estas palavras escritas e imagens registradas é o de fomentar fluxos de pensamento distintos dos fluxos mentais que operam em questões e problemas do cotidiano, contribuindo assim para uma nutrição criativa.

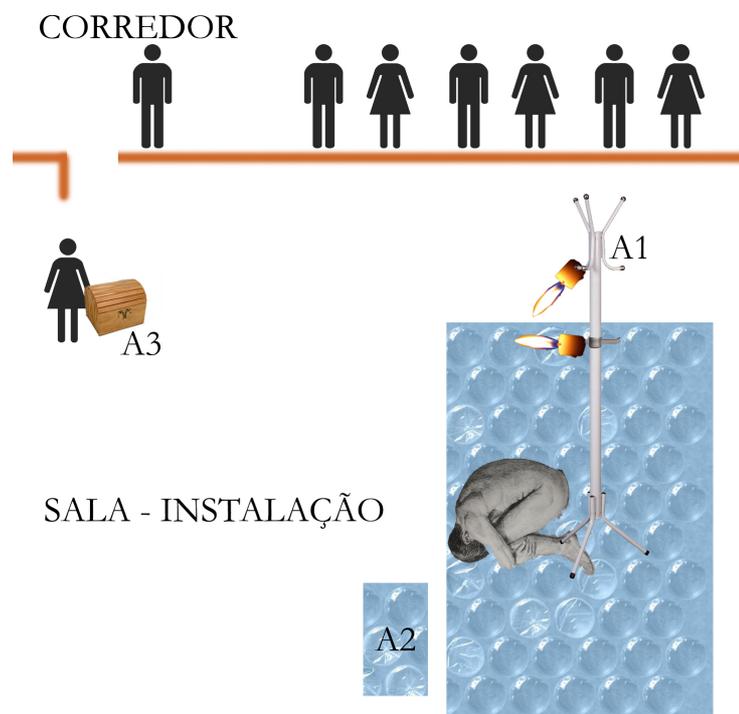
### **duas lembranças + um poema**

Comecei a fazer brigadeiros para vender durante os intervalos das aulas. Ao mexer na panela o leite condensado misturado com pó de chocolate, percebi: há uma certa necessidade de brutalidade na vida. Com muito carinho e delicadeza a matéria não muda, não se transforma.

Concomitante a isto, havia a primeira instigação proposta pelo nosso orientador, Zé Luíz Rinaldi: trazer um convite cênico que esboçasse um primeiro desejo de pesquisa. Um primeiro momento de criação! Fiquei pensando se levava alguma performance realizada ou se criaria algo novo. Com o pensamento dos brigadeiros em mente, refleti: por que não pegar alguns trabalhos já feitos, concluídos, desmanchá-los e transformá-los? Lembrei de performances antigas que já havia realizado e pensei em como elas poderiam se juntar, reintegrando seus sentidos e ações e se transformando em algo novo.

Escolhi mesclar duas performances já realizadas por mim com um poema que escrevi no ano de dois mil e nove. Nasceu um quarto elemento; “duas lembranças + um poema”, uma mutação de vivências. Descrevo o quadro da performance: Sala escura. Em um recorte de aproximadamente um metro e meio de comprimento por um metro e meio de largura forrava o chão com plástico bolha. Compondo este forro havia um cabideiro branco que sustentava quatro velas acesas e um tubo cilíndrico tocando o áudio do poema “OVO”. As velas

pingavam cera nas costas de um homem, nu, em posição fetal. Próximo a este homem, fora do recorte do plástico bolha que compunha ele e o cabideiro, havia outro recorte de plástico que continha mais um tubo cilíndrico fornecendo o segundo áudio, da performance “Holy-Eu”. Na porta, havia uma segunda pessoa responsável por receber o público e entregar um pequeno baú de onde saía mais um tubo cilíndrico, revelando o terceiro áudio. A disposição do espaço pode ser vista no gráfico a seguir.



**Áudio OVO (A1):**  
 Eis que sorrateiramente  
 o ovo aprende a uivar  
 Uivando,  
 descobre que consegue eclodir sozinho,  
 Na clareza dos primeiros raios de luz  
 Percebe ser um ovo órfão.  
 Desesperado reconstrói sua casca  
 se guarda dentro dela  
 e aguarda,  
 calado,  
 sem pio.

**Áudio Holy-Eu (A2):**  
 versão instrumental da música  
 “Xique xique” de Tom Zé

### ÁUDIO 3 (A3)

A palavra dita define, muitas vezes o que se pensa, não é o que se faz. Por exemplo o que eu to falando agora não é exatamente o que eu quis pensar, o que eu pensei. E sim uma transformação do que eu pensei no que eu já to dizendo. Porque a palavra define, definir é definhar, definir lembra definhar. Definir me lembra definhar.

A escolha de usar duas performances e um poema antigo foram engatilhadas através da epifania da brutalidade da vida que emergiu quando estava fazendo brigadeiros. Quando me afasto e leio esta frase colocando-me como leitor, uma primeira leitura irônica se faz, como algo que não está sendo levado a sério. Essa insegurança é danosa e devo esquecê-la. Pelo menos neste momento. Acredito que devo tratar indistintamente o que surge como “epifania”. Ou seja, não me ater a possíveis aspectos de seriedade, ironia, humor, etc. Devo cuidá-las com delicadeza, sem desnaturá-las, tal como se apresentam.

## **Vitrine**

Fui realizar uma performance no Centro de Artes Calouste Gulbenkian, pelo “FIT” (Festival Internacional de Teatro). A performance consistia em trocar abraços. Ela não foi advinda de um processo criativo dos que estou pesquisando, foi apenas uma releitura de uma performance já existente que me agradava, porém, eu não suspeitava de uma estimulante surpresa: chegando horas antes no local para preparar o trabalho, me deparo logo na entrada do local com um móvel longo de madeira, com algumas prateleiras de vidro no meio e dois grandes armários com portas transparentes de vidro em cada extremidade.

Ao olhar este objeto, uma epifania surge, uma imagem concreta vem a cabeça: uma vitrine humana, onde dentro dela há um homem com os peitos à mostra, e ele dança, ininterruptamente - durante horas - sem som algum. Do lado de fora da vitrine há um tubo cilíndrico que emana som. Para ouvi-lo, precisa-se levá-lo ao ouvido, como se faz quando quer se escutar o som das conchas. De lá escutam-se sons distintos: ruídos, barulhos incompreensíveis, mastigações, algumas músicas instrumentais, e outras mais populares, do tipo músicas de festa. Este supetão que chamo como “sonho em vida” vem abrupto, de uma só vez com tremenda potência, como um gozo que jorra. Mas como? De onde? Por qual estímulo? Que tipo de fluxo mental contribui nessa criação tão concreta? Que “gatilho” me faz criar tal imagem ao simplesmente ver essas vitrines vazias?

## Uma grande nota de rodapé

Do jeito que abordo estes “sonhos em vida” talvez pareça que suas origens sejam místicas ou impalpáveis, impossíveis de serem compreendidas. Talvez soe uma grande loucura este percurso que conto. Não é isto. A necessidade de estruturação da sociedade para permitir a vida comunitária conduz a nossa imaginação e a nossa criatividade. São condutas e convenções sociais que nos coagem de forma direta e indireta e orientam o próprio olhar poético/criativo, além de determinar o comportamento cotidiano de um modo geral. Quando esmiúço esses sonhos em vida, detalhando as imagens e seus signos, eles estão a serviço da tentativa de exercitar – como se faz com os músculos do corpo - fluxos de pensamentos favoráveis a borbulhar novos modos. Um momento oportuno para trazer à tona:

O que chamamos de símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. [...]

O que simbolizam exatamente ainda é motivo de controversas suposições. Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-la ou explicá-la. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida à ideia que estão fora do alcance da nossa razão[...]

Por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana é que frequentemente utilizamos termos simbólicos como representação de conceitos que não podemos definir ou compreender integralmente. [...] Mas este uso consciente que fazemos de símbolos é apenas um aspecto de um fato psicológico de grande importância: o homem também produz símbolos, inconsciente e espontaneamente, na forma de sonhos.<sup>3</sup>

Carl Jung explica sobre a formação que incondicionalmente atribuímos aos signos tendo como foco seus diversos sentidos durante nossos sonhos. Criamos significados da leitura que fazemos daquilo que estamos observando. O significado que atribuímos a uma imagem ou palavra nunca é totalmente literal sendo alguma parte incompreensível. Fazemos conexões de imagens e palavras para símbolos e sensações que não entendemos imediatamente o porque de as termos escolhido.

Quando vejo a vitrine e acontece o “sonho em vida” da performance que viria a realizar, estou constatando e tomando, em sua incompreensão imediata, estas conexões. Degluto e vomito André Breton como metáfora do que entendo como a concretização destes sonhos:

---

3 JUNG, Carl G. O homem e seus símbolos, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, p. 20-21

Imaginação querida, o que sobretudo amo em ti é não perdoares. Só o que me exalta ainda é a única palavra, liberdade. Eu a considero apropriada para manter, indefinidamente, o velho fanatismo humano. Atende, sem dúvida, à minha única aspiração legítima. Entre tantos infortúnios por nós herdados, deve-se admitir que a maior liberdade de espírito nos foi concedida. Reduzir a imaginação à servidão, fosse mesmo o caso de ganhar o que vulgarmente se chama a felicidade, é rejeitar o que haja, no fundo de si, de suprema justiça. Só a imaginação me dá contas do que pode ser, e é bastante para suspender por um instante a interdição terrível; é bastante também para que eu me entregue a ela, sem receio de me enganar.<sup>4</sup>

Breton ao meu ver consegue colocar em palavras a potência da imaginação, da liberação dos fluxos mentais quando estes não sofrem pudor ou críticas sociais, e de que isso só é possível entregando-se, sem filtrar socialmente ou culturalmente o que se está fazendo.

## **Pós-vitrine**

**ou**

## **Um primeiro grifo**

Depois de alguns dias da realização desta performance me dou conta de um grifo que percorre muitos dos meus trabalhos, como um marca-texto faz ao sublinhar uma palavra: duração. Diversas composições que já realizei têm essa característica em comum, de onde derivam-se outras semelhanças como os desgastes dos limites físicos.

Este apontamento que por enquanto apenas consigo enxergar como uma predisposição de meu gosto pessoal, me chama atenção, e, deixo-o em “banho-maria” - mas ainda assim sinalizado. Talvez seja um “gatilho” para possíveis caminhos e descobertas.

## **Setembro de dois mil e catorze:**

### **Partilhando sementes**

Um segundo movimento de orientação do Zé destinado a pratica acontece: compartilhar um exercício com os colegas de turma que reflita nas pesquisas. Pensei: O que poderia trazer para uma colaboração de forma simbiótica tanto da minha pesquisa quanto dos outros colegas?

---

4 BRETON, Andre. Manifesto surrealista (1924). Acessado em: <http://www.culturabrasil.org/zip/breton.pdf>, em 15/08/2014

Tive uma conversa com minha irmã, Carolina, que me contou sobre algumas experiências de alguns exercícios que fez com o Alexandre Mello, professor que lecionara alguns períodos de performance na UniverCidade. Acabei levando uma adaptação de um exercício chamado “personagem sensação”.

Antes, em um primeiro momento, conduzi a turma com algumas práticas que aprendi com o professor/performer Kleper Reis. Citei seus aforismas, que consistem em dogmas estabelecidos por ele antes de qualquer prática. São estes: “Não à repressão.” “Não à violência.” “Não à competição – consigo ou com o outro” e “aquilo que não está proibido, está permitido”. Depois instruí sobre a realização de um aquecimento: uma versão modificada da “saudação ao sol”<sup>5</sup> que introduz consigo a “respiração pranayam”<sup>6</sup>. Esta respiração em específico, além de ativar vetores opostos (masculino e feminino) também promove um aumento de oxigenação. Estes dois aquecimentos incitam a um estado alterado do corpo.

Depois disso pedi para todos sentarem-se e realizarem uma escrita automática. Escrever tudo o que vem a cabeça, sem filtros, sem pensar em sentidos, em pudor, em lógica, apenas escrever. A produção deste texto tinha sua finalidade no próprio ato, posto que o exercício consistia-se apenas na tentativa de libertar os cerceamentos impregnados e dar permissão aos “sonhos vivos”.

Neste terceiro momento surge minha adaptação do exercício do Alexandre Mello. Indiquei as diretrizes: explorar o espaço usando os pés ou as mãos, atentando às sensações provindas dos toques, cheiros e sons, dando três adjetivos a cada sensação.

Progredindo, pedi que fechassem os olhos. Trouxe alguns potinhos contendo provocações de sensação diversas, como sabonete líquido, mel, balas, enxofre, bolas de isopor, etc. Levei um potinho para cada um e, orientei que se relacionassem com os mesmos, novamente através do toque, cheiro, sabor, etc. Aqui, comecei a trabalhar de forma mais direta a sinestesia. E por conseguinte, encerrando este momento, pedi que eles levassem tais sensações para a prática corporal. Como são estas sensações transformadas em movimento?

Pensando na possibilidade das construções cênicas nos trabalhos dos colegas, o próximo momento foi a interação/relação entre estes movimentos. Formavam-se duplas para uma possível faísca cênica.

---

5 “Surya Namaskar, ou saudação ao Sol, é uma coreografia no Yoga composta de 12 asanas em sequencia.”

Endereço eletrônico: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Asana>

Vídeo da saudação *clássica* <https://www.youtube.com/watch?v=OeM1Ow5qi8c>

6 “O nariz tem um lado direito e um esquerdo; usamos ambos para inspirar e expirar. O direito representa o Sol (quente-masculino), o esquerdo, a Lua (frio-feminino).” em <http://somostodosum.ig.com.br/clube/artigos.asp?id=26732>

O último momento foi pensado sob a perspectiva do meu vício com a duração. Pedi para que, em uma fila horizontal, todos andassem – sem parar – de uma ponta para a outra da sala, em dez minutos.

Ao observá-los e logo após ao trocar palavras com todos sobre a prática, pensei em uma breve reflexão; se enxergo hoje a duração como uma predisposição comum em meus trabalhos, vejo em pé de igualdade a sinestesia como promotora das sensações que elucidam maior disponibilidade para as epifanias criativas.

### **Excesso de materiais e um certo torpor**

Durante doze dias algo me incomodou: concentrei muito meu tempo nos estudos textuais e visuais, e fiquei distante da prática. Colhi muitos materiais diferentes e novos. Pelas mãos do Zé, durante os encontros na faculdade, tive o contato com o filme “A cor da Romã” (1968), do diretor Sergei Paradjanov. Em casa, vi o documentário “Marina Abramovic: The Artist Is Present” (2012), de Marina Abramovic, que relatava um pouco da vida pessoal da performer e mostrava alguns exercícios e consequências interessantes oriundas da performance “The Artist Is Present”. Também assisti ao filme “Seewatchlook: O que você vê quando você olha o que enxerga?” (2014), de Michel Melamed, que aborda no âmbito da performance o questionamento das fronteiras entre realidade e ficção, usando este argumento como metalinguagem durante o filme inteiro, questionando quais situações são inventadas e quais não são e se isso sequer faz diferença. E por fim, o filme “Holy Motors” (2012), de Leos Carax, que traduz em metáfora diversos caminhos de atuação e põe em cheque os limites entre atuação e vida.

Cada material descrito acima tem uma densidade específica, e facilmente te puxa para o seu próprio campo gravitacional. Percebi que a mistura de todos estes materiais me entorpeceu, como quando, em euforia, mistura-se muitos temperos fortes em um prato e não consegue-se perceber o gosto de cada um e, tampouco, a combinação deles juntos.

### **Recortando e observando o próprio nariz**

Percebi que preciso fazer um recorte nos meus materiais de estudo. Se antes tinha o intento de absorver materiais distintos para construir uma parede de palavras, fazendo associações de imagens e sensações, hoje percebo que esta abertura tem me travado no estudo experimental, pois acabo não conseguindo direcioná-lo para algo mais concreto, palpável,

realizável, por conta de tantas referências específicas apontando para direções ligeiramente distintas.

Quanto à parte experimental; venho observando em meu cotidiano se existem momentos em que percebo estar naturalmente mais criativo e predisposto. Perguntei-me: será que já existem “gatilhos” que suscitam meus “sonhos em vida”?

Percebi que quase sempre que tomo banhos longos, permanecendo por mais de 15 minutos entre as quatro paredes do chuveiro com a água caindo sobre minha cabeça, naturalmente começo a elucubrar diversas possibilidades de composições. É uma forma diferente de gerar essas possibilidades. Eu não paro para pensar sobre como realizar algo, me vem de uma forma automática, sem eu parar para pensar e fazer um exercício reflexivo. Não me recordo se isso passou a acontecer em algum momento específico da minha vida ou se sempre tive esse comportamento impregnado. Todavia, a percepção deste apontamento levanta algumas questões: por qual motivo nunca dei a devida importância a este possível “gatilho”? Será por ter certo pudor em achar tal circunstância muito banal? E o que de fato, acontece comigo? Será que é a circunstância do tomar banho, ou a duração prolongada do contato da pressão da água batendo sobre minha pele, ou o signo social inerente de eu estar indo me limpar? Todas estas perguntas ainda não possuem respostas.

### **Simulando um banho**

Dada a desconfiança de um possível caminho, realizei a experiência de simular um banho, sem ter nenhuma necessidade de me limpar, fiz a título de experimento, uma simulação para ver o que ocorreria.

Entrei no banho, liguei a água quente e me lavei costumeiramente como faço. Permaneci durante 15 minutos com a água caindo nos meus ombros. Nada ocorreu. Deduzi que o que estava me atrapalhando é que entrei já pensando no “gatilho”, e aí tudo desandou.

Acredito que o principal funcionamento deste processo esteja atrelado de forma inerente a alguns signos e sensações, como o “ritual” de eu estar indo me limpar, a ausência das roupas, um ambiente seguro onde me encontro só e íntimo, e o relaxamento que a água quente em contato com a pele causa. Tudo isto ocorre de uma forma inconsciente, gerando uma circunstância específica.

Será possível, portanto, induzir este “ritual”, alterando algum desses signos com a finalidade de transformá-lo em exercício? Pois a própria ideia de já pensá-lo como “gatilho” o desintegra.

## **Outubro de dois mil e catorze:**

### **Agarrando o ar**

Do dia vinte e seis de setembro ao dia dois de outubro, devo ter tomado aproximadamente dez banhos. Em nenhum desses banhos algum “sonho” ocorreu. Foram inclusive banhos esquisitos, pois foram banhos extremamente normais. Acho que desde a descoberta de que no banho talvez algo de diferente acontecesse, o próprio exercício intelectual de tentar destrinchar o motivo disto me fez empregar uma forma diferente de tomar banho, pois, mesmo que em uma parcela pequena, agora em todo banho que tomo, relembro minha pesquisa e altero qualquer efemeridade que antes pudesse ocorrer. É a sensação de tentar agarrar o ar, de perder algo invisível.

## **Oito de outubro de dois mil e catorze, durante a manhã:**

### **Dificuldade em achar metodologias**

Tenho tido dificuldade em achar uma metodologia já existente que possa me ajudar com a descoberta dos “gatilhos”. Sinto grande dificuldade na exploração, observação e análise dos exercícios e suas verificações.

Quando falo “metodologia”, me refiro a referências mais palpáveis, como exercícios/procedimentos já existentes. Os exercícios que venho pensando e fazendo não seguem uma cartilha ou metodologia. Em minha pesquisa, não tenho conseguido encontrar alguém – no âmbito da performance - que os tenha feito e disto como foram feitos, o que encontrou, o que os potencializava, e o que não dava certo.

## **Outros olhares: chocando um ovo**

Além disso, começo a me preocupar em como transpor essa pesquisa em uma apresentação dentro dos moldes que esta monografia exige (uma defesa prática de até 'quinze minutos', diante de uma banca avaliadora e um público aberto, com mais vinte minutos de

defesa oral do trabalho escrito). Como transformar isso em um acontecimento cênico, seja performático ou não, em quinze minutos?

Fui conversar com um amigo de infância sobre meu trabalho. Meu amigo, Giancarlo trabalha com engenharia química, uma área das ditas ciências de exatas. Conversei e expliquei meu trabalho para ele justamente para escutar a opinião de alguém afastado, com um olhar diferente. Ele fez uma analogia enriquecedora. Disse que eu estava trabalhando com criação e que era como se eu estivesse trabalhando com todos os fatores que fazem um ovo de galinha chocar, como deixá-lo em um ambiente com calor e umidade, além de virar o ovo constantemente, ou seja, coisas que ajudam e são essenciais para um pintinho nascer. Porém a circunstância muda quando o ovo é levado para uma apresentação com o intuito de querer que ele seja chocado e ecloda durante vinte minutos. Mesmo que o pinto nasça, será muito mais uma coincidência do que de fato um fator decisivo para seu nascimento. Isso me faz questionar as possibilidades do caminho que estou seguindo.

## **Oito de outubro de dois mil e catorze, durante a noite:**

### **Uma possível metodologia**

Justamente hoje que escrevi sobre a dificuldade de encontrar uma metodologia, no encontro das aulas da noite com o Zé, ele trouxe até mim o “abramovic method” (2014), uma espécie de cartilha de exercícios propostos em um workshop imersivo da performer Marina Abramovic. Em formato de livro digital, esta cartilha ficou disponível em um período de tempo que já encerrou-se, obtido como recompensa através de um programa de doação para um instituto de estudos da performance que Marina Abramovic está construindo.

## **Nove de outubro de dois mil e catorze:**

### **a) um possível porto**

Hoje acordei carregado dos pensamentos da noite de ontem! Li algumas vezes os exercícios da cartilha de Abramovic. Me senti amparado ao lê-los. Mesmo com muito material sobre performance, tudo o que venho encontrando são estudos teóricos e filosóficos, além dos muitos vídeos de registros de performances propriamente ditas que não mostram seus processos. Nessa cartilha de Marina Abramovic, ela propõe exercícios práticos de longa duração. Marina explica sobre eles:

Se você faz uma ação de uma hora, você ainda está atuando, mas depois de seis horas, tudo desmorona, torna-se verdade essencial. E para mim, esse tipo de verdade é muito importante. Posso dar um exemplo muito simples: pegue uma porta e abra ela constantemente, sem entrar ou sair. Se você faz isso por três, ou cinco minutos, isso não é nada. Mas se você faz isso por três horas, essa porta não é mais uma porta, ela é o espaço, o Cosmos, se transforma em outra coisa, é transcendente. Em todas as culturas arcaicas, rituais e cerimônias eram repetidos sempre da mesma forma e existe um tipo de energia que fica alocada nessa repetição que afeta também o público. Isso só se consegue em performances de longa duração.<sup>7</sup>

Estas ações de longa duração comungam com o desejo que abordo no item “Pós-Vitrine ou Um primeiro grifo” página sete desta pesquisa, onde apontei uma constante inclinação em trabalhos já realizados, que continham a característica de durarem extensas horas, e de que enxergava ali não só uma predisposição do meu gosto pessoal, mas também uma possibilidade de ser um caminho para um “gatilho”. Essa cartilha me dá uma gama nova de possibilidades de executar novos exercícios, que já foram realizados por outra pessoa que compartilhou suas experimentações. É a sensação de encontrar algo em comum, algo familiar. É a sensação de se sentir em casa.

## **b) renascimento**

À parte isso, no dia de hoje comemoro meu vigésimo quarto renascimento. Quis celebrar tal data com exercícios performáticos. Ao acordar, fui à praia, cheguei perto da beirada do mar, aqueci-me usando a respiração *pranayam*, e banhei-me de sol apenas de sunga por alguns minutos, olhando fixamente ora para as ondas do mar, ora para as montanhas, por aproximadamente vinte minutos. Coloquei uma calça social e um terno ambos de cor cinza, que não eram lavados a mais de dois anos e estavam sujos de terra por conta de alguns trabalhos performáticos em que foram usados. Eles estavam carregados de memória e energia de trabalhos antigos. Adentrei no mar relembrando tais memórias.

Chegando em casa tomei banho para tirar o sal do mar. Durante a limpeza do corpo tirando areia e sal, pensei em tudo que havia acabado de acontecer. Pensei nos ciclos que

---

7 Matéria de Fábio Cypriano publicada em 17 de novembro de 2010. Endereço eletrônico: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2010/11/831250-leia-a-entrevista-de-marina-abramovic-na-integra.shtml>

havia acabado de fechar ao adentrar com as roupas sujas no mar. Pensei em mais um ano sendo concluído e como escolhi viver esta data. Pensei em nascimento, renascimento e morte. Surgiu-me a imagem da saída que um bebê faz do seu mundo próprio, escuro e cheio de água como o mar, para outro mundo, grande, seco e colorido que é nossa Terra. Pensei em muitas coisas. Percebi que a catalização do banho havia sido restaurada por algum motivo. Intuo a possibilidade de, por ter vindo da praia pensando no que havia acontecido e com o corpo aquecido ter conseguido tirar qualquer margem de pensamento sobre o banho como exercício.

Partindo dessa ideia de nascimento, fometei um exercício. Vendaria meus olhos e sairia de casa andando pela rua até chegar a outro ponto estabelecido. Andando no escuro – assim como o bebê faz – abandonando um ambiente para começar uma nova etapa. Um exercício de renascimento e fechamento de ciclos.

### **Da série privação de sentidos nº 1: visão**

Com este exercício de privar a visão escolhido, comecei a pensar em como estruturá-lo e lembrei de ter assistido alguns anos atrás o *making of* do filme “Ensaio sobre a Cegueira”, de Fernando Meirelles, onde este mostrava o *laboratório* a ser realizado pelos atores. Consistia em um exercício realizado em dupla: uma pessoa era vendada e a outra tomava a ação de ser a guardiã. A pessoa vendada saía livremente pela rua e o guardião, com certa distância, era responsável por sua segurança a fim de que a pessoa vendada não se machucasse. Entretanto o guardião deveria interagir apenas quando extremamente necessário.

Pedi a colaboração dos colegas de turma para realizar o exercício comigo, mas como tudo foi idealizado no dia, sem uma preparação, a probabilidade de estarem disponíveis era pequena e, de fato nenhum deles estava disponível. Consegui a colaboração de Aline Nabisi, uma amiga de outros trabalhos. Conversamos e estabelecemos condições primárias: ela deveria estar entre dois metros a um metro e meio de distância de mim; tocar e me segurar somente se estritamente necessário, como em caso de perigo de um atropelamento ou uma queda; daria direções como: siga, vire para direita, vire para esquerda, pare, e degrau a frente; e cumpriríamos o trajeto que combinamos, que era de Copacabana (minha casa) até Botafogo.

Antes da realização do exercício, fizemos juntos a respiração *pranayam* um de frente para o outro fazendo contato visual. Saímos do apartamento e coloquei a venda. Seu formato consistia na típica venda usada para tapar a visão quando se vai dormir. Descemos pelo elevador e começamos o trajeto.

Logo nos primeiros passos fora do prédio, já imperava o som dos ônibus passando. Eles pareciam bem mais próximos de mim do que realmente estavam, mas isso não me paralisava. Tinha a confiança de que com qualquer perigo real a guardiã iria agir a tempo. Conforme andávamos, ia me conectando e criando uma relação submissa com a voz que escutava. O barulho quase incessante dos ônibus me atormentava, principalmente por parecer, diversas vezes, que eles estavam vindo em minha direção. Também sentia constantemente o cheiro que identifiquei como o de *pet shops* e também o de perfume de cabelo. Depois da experiência, em uma conversa com a Aline, ela me contou que algumas vezes pessoas passaram sincronicamente na minha frente sem nos esbarrarmos.

A guardiã estava angustiada com a situação e, conforme progredíamos, comecei a ficar angustiado também. Em dado momento ela me perguntou qual era a cor da direita e da esquerda, não respondi em voz alta mas as direções tomaram cores no pensamento: azul e verde, respectivamente. No papo pós-exercício, Aline me contou como se sente angustiada ao andar em ruas movimentadas e disse que eu estava tão entregue que me anulei e passei a viver em simbiose suas imperfeições.

Ao chegarmos na rua Siqueira Campos, a guardiã mudou o trajeto e fizemos o caminho de volta. Ela avisou que mudaríamos o trajeto, mas não que estávamos voltando. Achei que apenas estávamos fazendo um contorno para continuar a mesma rota. Todos os cheiros que já havia sentido retornaram e a sensação era a de uma profunda angústia. Parecia que estava andando em círculos e que nunca chegaria ao destino traçado. A rota final tornou-se o ponto de partida, minha casa. O exercício durou aproximadamente uma hora em um trajeto feito em vinte minutos andando calmamente. A minha sensação era de uma tarde inteira.

Só retirei a venda após ter entrado no apartamento e estranhei muito estar de volta ao local de origem e não em Botafogo. A sensação, ao tirar a venda, era a de que as cores estavam muito mais fortes do que o normal e de que algo de muito estranho tinha ocorrido com o meu processamento da profundidade do espaço e dos objetos. Três horas após o término do exercício, saí na rua para jantar. Já estava escuro e, depois de alguns minutos andando, senti o mesmo tipo de angústia que vivi no exercício. Ela ia crescendo conforme meus passos progrediam, até certo ponto que parei de andar, fechei os olhos e a angústia passou. Dei alguns passos com os olhos fechados e me senti extremamente bem. Respirei

fundo, abri os olhos e voltei a andar normalmente. A sensação ia passando e a palpitação que sentia no peito diminuindo.

Acredito que mesmo por pouco tempo, este exercício tenha alterado brevemente minha cognição sobre o ambiente ao meu redor. De certa forma cumpri a proposta do exercício, alterando meus fluxos de forma imersiva. Confesso que isso me deixou razoavelmente assustado. Qual será o prosseguimento e aprofundamento disso?

## **Ondas em copo d'água**

Iniciando o estudo experimental da metodologia proposta pela cartilha de Abramovic, começo pelo exercício do copo d'água. Ele consiste em sentar-se em frente a um copo de água cheio e lentamente pegá-lo com a mão, sentindo as sensações do toque da pele com o copo, levando-o a boca e bebendo a água em pequenos goles. A proposta deste exercício é repeti-lo vinte e uma vezes ao dia. Realizei neste dia apenas duas repetições.

A repetição nº1 durou onze minutos, foi feita com os olhos abertos.

Sensações: de afogamento, agonia e afobação; do meio para o final do exercício cada gole parecia um tiro sendo disparado.

Chegando ao final: sensação de maior contato com o copo, com a respiração, com o gole, com o sentir a água passando pela garganta. O olhar de dentro do copo de vidro gerava imagens: ondas e mar.

A repetição nº2 durou nove minutos, foi feita com os olhos abertos.

Sensações: de afogamento, abdômen tremendo constantemente; goles parecendo tiros.

Chegando ao final: enorme prazer em beber a última gota, sensação de superação, suspensão do tempo.

## **Aquecimento do grito**

Adaptei um exercício da cartilha de Abramovic. Nele, ao acordar, a pessoa deve-se dirigir-se sem nenhuma vestimenta para um campo aberto de terra e ao som de uma campainha pular o mais alto possível levando os joelhos até o peito, soltando ao mesmo tempo um grito, repetindo o procedimento três vezes. Não consegui achar um local aberto propício e seguro para esse procedimento, e adaptei-o fazendo em minha sala. Provavelmente

por estar em um ambiente muito mais íntimo e sem a conexão com a terra, as sensações tornam-se menos potentes. Ainda assim, essa experiência trouxe-me uma sensação libertadora e de revitalização. Parece-me um bom aquecimento.

## **Copo d'água em sua repetição**

Voltando ao exercício do copo d'água, neste dia o realizei duas vezes;

A repetição nº1 durou seis minutos, foi feita com os olhos abertos.

Sensações: dispersão, desconcentração; olhei constantemente para fora do copo observando o ambiente ao meu redor.

Após o final: A percepção era de que havia durado pelo menos o dobro do tempo vivido.

A repetição nº2 durou seis minutos, foi feita com os olhos abertos.

Sensações: de afobação e de desespero, permaneci olhando para dentro do copo durante todo o tempo.

Chegando ao final: sensação de maior contato com o copo. Imagens geradas: ondas e mar.

## **Da série privação de sentidos nº 2: braços**

Saindo um pouco dos métodos da Abramovic, achei que se expandisse a privação dos sentidos da visão para outras possibilidades poderia encontrar caminhos interessantes. Pensei então em imobilizar meus braços por vinte e quatro horas. Com um filme de PVC transparente – usado normalmente para preservar alimentos – enfaixei meus braços da altura dos ombros até os antebraços, deixando imobilizada qualquer articulação do antebraço até o ombro. Diferente da privação da visão onde a realizei de forma densa e imersiva durante uma hora de exercício, desta vez fiz o exercício dentro do meu cotidiano, sem induzir nenhuma circunstância específica.

Tinha uma certa expectativa, ao fazer este exercício, por conta das sensações experienciadas no exercício da visão. Não percebi que estava realizando uma proposta diferente. Não se tratava de um exercício de imersão e, como não pensei em nenhuma circunstância específica, realizar as tarefas do cotidiano simplesmente tornaram-se situações

divertidas onde tinha que usar alguma parte distinta do corpo para realizar uma ação. Em grande parte da duração do exercício não senti falta de usar os braços. Mesmo com essa imobilidade privando minhas articulações conseguia contornar as ações necessárias com outras partes do corpo, me frustrando e me irritando em grande parte do tempo.

O exercício acabou durando oito horas em vez das vinte e quatro horas propostas, pois ao completar as oito horas já era noite e estava com dores nas articulações, portanto dormir enfaixado poderia representar algum tipo de risco e decidi não viver essa possibilidade. Percebo que talvez fosse a partir deste momento que algo pudesse começar a acontecer.

## **Conciliações**

Enquanto antes tinha muitas incertezas e insegurança em praticar os exercícios que vinha propondo, após a metodologia de Marina Abramovic o processo se tornou mais fácil por um lado. Os exercícios na maior parte do tempo me causam diversas sensações e alteram minha percepção, criando caminhos muito favoráveis para possíveis “gatilhos”. O problema que venho encontrando nessa metodologia é a do grau de disponibilidade necessária. Todos os exercícios da cartilha necessitam de extensas horas. Ainda não consegui realizar nenhum em sua plenitude, ou seja, completando o número total de repetições ou o tempo proposto. Estou tendo dificuldades em conciliá-los com necessidades comuns do cotidiano.

## **Copos como maré**

**ou**

## **Ondulações do grifo duração**

Fora este problema que acredito que consiga contornar de alguma forma, algo que já venho percebendo com estes exercícios realizados é de como o simples pode ser tão potente. Muitos dos meus trabalhos são criados com a necessidade de grandes estruturas e aparatos e este contato com o simples, com o esgarçamento de uma ação comum do cotidiano me faz perceber a potência no pequeno.

Fazendo uma relação com o exercício do copo d'água, percebo que quando vou beber um copo de água cotidianamente, dou goles longos e em cinco ou seis repetições toda a água do copo acaba. A água desliza por minha garganta. Já durante o exercício, ela não desliza, ela fere minha garganta, como tiros de um revólver. São incontáveis os tiros que existem em um copo cheio de água, provavelmente mais de cem. É como se eu suspendesse o tempo e

conseguisse ver detalhes antes imperceptíveis. Novamente, o grifo que ondula por toda a pesquisa reaparece: duração. O que será que isto quer me dizer que ainda não compreendi?

### **Arroz em linha de montagem**

Exercício “contando arroz”. O exercício, também oriundo da cartilha de Abramovic, consiste em contar grãos de arroz, um por um, retirando-os de um montinho, ou diretamente do próprio saco de arroz, fazendo assim um novo montinho. Comprei um saco de um quilo e a meta era chegar a contagem de mil.

Do primeiro ao ducentésimo grão de arroz, tudo se resumia a apenas estar contando arroz. Chegando perto do quadrigentésimo arroz, ou seja, o arroz de número quatrocentos, algumas sensações vieram à tona. Angústia misturada com prazer, uma vibração por todo o corpo e a possibilidade da reformulação do acordo comigo mesmo de ir apenas até o quingentésimo grão de arroz. O saco de arroz mal esvaziava-se e quatrocentos grãos faziam um punhado tão pequeno que caberia, com folga, na palma da minha mão.

Ao chegar no grão de arroz quinhentos, uma sensação de choro, de desespero e a vontade de rir tomaram meu corpo. Parecia que iria enlouquecer. Decidi continuar até os mil. Sensações parecidas repetiram-se a cada proximidade de uma centena completando-se. A sensação de superação era bastante presente. As costas já doíam bastante e meus dedos grudavam nos grãos tornando a contagem um pouco mais difícil. Dos oitocentos grãos adiante, até os mil, houve uma certa calma e serenidade na contagem, parecia que fazer aquilo já começava a se tornar algo imprescindível e não me incomodava mais.

O pós-exercício foi estranho. Logo ao acabar, parecia que havia uma força, uma tensão, que não me deixava parar de contar o arroz, não conseguindo parar de realizar aquela ação facilmente. Senti como se eu fosse um operário e pertencesse a uma linha de montagem industrial e que, ao parar aquela ação, estava desrespeitando a ordem natural de um processo. A duração foi de uma hora e dez minutos. A sensação foi de menos tempo, intuo algo próximo a trinta minutos.

## **Novembro de dois mil e catorze**

### **Banca de Qualificação**

O último encontro com a turma e o orientador antes da Banca de Qualificação. Nessa banca há uma primeira avaliação dos trabalhos feita por três professores do corpo docente.

Nesse encontro trouxe minha dificuldade permanente em decidir o que preparar como apresentação cênica. Será que apenas um exercício bastaria? E como explicar nesse exame de qualificação o que eu faria na apresentação final, se ainda não o sabia?

Zé Luiz me sugeriu a ideia de dividir a apresentação em duas partes, sendo uma a apresentação de um projeto do que poderia vir a fazer, e a outra, parte um exercício, como o do copo.

### **Retalho de sonhos**

Eu não tinha um projeto pronto oriundo de algum “sonho” durante o processo. O que eu tinha eram fragmentos soltos que pipocaram em diferentes circunstâncias durante esta pesquisa. Mas será que era isso o que eu deveria fazer na apresentação final? Um retalho dos sonhos conquistados durante o processo, um exercício cênico-performático que, em metáforas, relacionar-se-ia com o enfoque da pesquisa, os “gatilhos”? Ou, ainda, a própria presença de um “gatilho” acontecendo no momento da apresentação? Estava confuso. A título de criar apenas um protótipo, juntei estes fragmentos e montei um projeto<sup>8</sup>.

Além deste protótipo que levaria e explicaria verbalmente, deixando transparente toda a dificuldade e incerteza que tinha sobre isto ser uma possibilidade de apresentação, iria também realizar o exercício do copo d'água.

Tentei, no dia da qualificação, realizar o exercício do copo o maior número de vezes possível. Antes, dava um intervalo de trinta minutos entre as repetições e neste dia passei a dar um intervalo de dez minutos. Consegui fazer dez repetições antes da apresentação, fazendo a décima primeira frente a banca qualificadora.

A repetição de nº1 durou seis minutos, foi feita com os olhos abertos e tive uma sensação de serenidade e um certo incômodo. Estava focado na ação e não pensei em outras coisas durante o procedimento.

A repetição nº2 durou nove minutos e foi feita com os olhos abertos. Tive um pouco de desconforto em fazê-la e, ao finalizá-la, senti prazer em conseguir chegar até seu fim. Fixei

---

8 Ver anexo 01.

minha observação para dentro do copo e constantemente associei as ondas dos goles às ondas do mar.

A repetição nº3 durou cinco minutos e foi feita com os olhos fechados. A sensação foi do dobro do tempo passado, além de, constantemente, sentir o abdômen tremendo. Fazer com os olhos fechados gera mais desconforto, é mais profundo e íntimo. Foi uma experiência distinta das demais.

A repetição nº4 durou sete minutos e foi feita com os olhos abertos. Dessa vez meus olhos escaparam da circunferência de dentro do copo, e senti-me desconcentrado, sem conseguir focar direito na ação do copo nem no ambiente que me cercava.

Repetição nº5, durou seis minutos e foi feita com os olhos abertos. Logo no início, antes de pegar o copo, tive a impressão de que ele me chamava, senti um impulso, uma atração para pegar o copo. Já começava a sentir minha barriga bem estufada e um pouco de enjoo.

A Repetição nº6 durou sete minutos, feita com os olhos abertos, trouxe novamente a sensação de enjoo e senti um desconforto em beber a água, como se a ação tivesse se tornado mais difícil por causa do cansaço dos músculos da garganta.

A repetição nº7 durou quatro minutos, feita com os olhos abertos. Durante o meio do exercício perdi o controle de conseguir dar pequenos goles. Isso me assustou!

Repetição nº8, durou sete minutos e foi feita com os olhos fechados. Voltei ao íntimo. Tive uma sensação de medo. As luzes da sala estavam apagadas, deixando o ambiente escuro e me senti vulnerável. O controle muscular da garganta estava voltando ao normal.

A repetição nº9 durou sete minutos, com os olhos fechados e novamente senti uma certa serenidade. Nada me incomodou aqui, tive uma sensação de automatismo, semelhante à sensação que tive ao contar o arroz.

A repetição de nº10 durou sete minutos, feita com os olhos abertos, e novamente uma sensação de calma, ainda que com uma intensa tremulação no abdômen.

## **O menino que se apaixonou por detrás**

**ou**

### **Esgotamento do primeiro ato**

Após a realização da apresentação prática na banca de qualificação os professores conversaram conosco dividindo suas impressões. Durante a conversa, os docentes Heloísa Lyra Bulcão, Eduardo Vaccari e André Paes Leme mostraram-se interessados e fizeram apontamentos pertinentes. Questionaram sobre o projeto que apresentei verbalmente, não conseguindo ver os caminhos escolhidos para cada escolha feita originada de seus respectivos fragmentos. De fato, durante minha apresentação não expliquei estes caminhos e fiz soar que criei algo estético para ser apresentado somente pela necessidade de ter que ter algo para ser apresentado. Também questionaram como esse projeto se relacionaria com a pesquisa dos “gatilhos” e dos “sonhos em vida”. O projeto apresentado mostraria presencialmente o que estou defendendo? Se estou falando de um momento antes – durante – no meio, e entre a criação - e quais fatores ajudam a suscitar isto - como consigo mostrar isto presencialmente? Qualquer apresentação desta pesquisa se tornará uma metáfora, não sendo de fato uma defesa presencial e comprobatória da pesquisa em si. Se realizar uma metáfora, estou representando a pesquisa, e não realizando-a. Se fizer um registro visual de horas extensas onde fluxos se alteram e um “sonho vivo” surge, também não estou partilhando tal experiência com quem assistirá, e sim mostrando, representando, um registro e não partilhando a experiência real.

Percebi naquele momento, que qualquer caminho que tentasse projetar não teria uma saída. Naquela hora uma trovoadas paralisante de realidade me atingiu. Me senti como quem acaba de olhar fixamente para o sol e, ao mudar seu campo de visão para qualquer outra coisa, não consegue enxergar nada por causa da intensa claridade que cegara seus olhos. Me senti como um menino inocente e frustrado, que acaba de perceber que se apaixonou cegamente pelo que há por detrás do muro, e que esse muro – no momento – era impenetrável.

### **Ponto de mudança**

Continuei paralisado por mais uma semana. Percebi que me ceguei em várias escolhas importantes, pavimentando uma única rua sem saída, não conseguindo ter capacidade de desenvolver o que estou pesquisando da forma que escolhi. Isso me causou uma frustração enorme! Quando olho para o lado, vejo que a título de exemplo o colega Luca Ayres esbarra

em questões muito próximas à pesquisa do “gatilho”, com uma circunstância muito mais favorável e propícia: o Butoh. A ocidentalização da performance pode acabar engessando-a com tantas teorias e hermenêuticas e eu acabei percorrendo este caminho por algum tempo, entrando em torpor algumas vezes, como relatei durante o processo. Ao mesmo tempo, não havia mais possibilidade ou tempo de abandonar a circunstância da performance e começar a pesquisa em outro âmbito. E mesmo que houvesse, imagino que não iria querer.

Pensei em desistir ou em me dar mais tempo para a pesquisa. Tive alguns encontros com o Zé Luiz e conversamos. Ele me disse que eu precisaria quantificar o tamanho dessa minha frustração. Se ela era de fato paralisante ou não, pois eu poderia direcionar minha pesquisa para outros apontamentos, como o constante grifo da duração que quase sempre se fez presente, não só na pesquisa, mas na trajetória do curso, e de que a escolha de prolongar a pesquisa não iria resolver o problema – não da forma que eu ainda queria solucionar. Precisava fazer escolhas.

## **II. Duração**

### **Indo em direção às dilatações de tempo**

Para continuar, passei a olhar novamente o material levantado até então para trabalhá-lo sobre outra perspectiva. Nada mais justo do que dar atenção ao grifo da duração que tanto apareceu em diversos momentos. Em vez de trabalhar os exercícios de Abramovic sobre a perspectiva da geração dos “gatilhos”, comecei a olhar para eles pensando nas sensações e no agenciamento causado por suas durações. Entretanto, isso não encerra o procedimento de criação através dos “sonhos vivos” se estes ocorrerem. O foco da pesquisa é que passa a não ser mais sobre como eles surgem e quais circunstâncias e procedimentos são favoráveis para ativá-los. Decidi passar a trabalhar a cartilha de Abramovic, aprofundando as sensações causadas pela própria duração dos exercícios a fim de conseguir gerar disposições de alteração de tempo, como a suspensão, a dilatação e o encurtamento da sensação de tempo corrido.

### **Vinte e um de novembro de dois mil e catorze:**

#### **Da série privação de sentidos nº3: alimentação**

Pensando em como aprofundar de forma imersiva a sensação causada pelos processos de longa duração, decidi realizar em paralelo um exercício contínuo a partir de hoje até o final desta pesquisa: a privação da alimentação em extensões definidas de tempo. Abramovic utiliza este processo em sua cartilha com o intuito de gerar um novo estado de consciência – semelhante a proposta dos fluxos de pensamento que vinha pesquisando – para estar mais suscetível ao processo de criação. Eu decidi trabalhar na perspectiva de quais sensações sinto com a progressiva privação de comer, e como o tempo passa - se a sensação do tempo corrido dilata ou comprime - durante este processo.

Exercício da privação da alimentação:

Início: dezoito horas de vinte e um de novembro de dois mil e catorze.

Término: treze horas de vinte e dois de novembro de dois mil e catorze.

Duração: vinte horas

Primeiras doze horas: decidi me privar da alimentação justamente na hora que tenho costume de me alimentar. Por volta do final da tarde costumo fazer um lanche, antes do jantar.

Nas primeiras quatro horas após as dezoito horas a sensação era de constante fome e meu estômago doía, me deixando aflito. Parece que, ao saber que eu não posso comer, o desejo de me alimentar torna a fome muito maior. Me senti mais agitado do que normalmente e tive dificuldade para conseguir ficar com sono e dormir.

Quinze horas de privação: acordei por volta das nove da manhã e precisava me hidratar. Decidi beber água fazendo o exercício do copo d'água. A sensação dos tiros ferindo a garganta aconteceram, mas não me incomodaram, foi até prazerosa. Existia certo prazer em beber a água, único alimento que estava ingerindo, fazendo eu me sentir mais resistente. A duração do exercício foi de doze minutos – acho que o mais longo já feito – e a minha sensação foi oposta. Pareceu-me o mais rápido de todos, achei que tinha durado apenas quatro ou cinco minutos. Realizei o exercício do copo d'água mais sete vezes. Em todas elas a sensação foi de que a duração do tempo passado era mais longa do que a do tempo corrido. O tempo suspendia-se de uma forma mais potente, que eu ainda não tinha experienciado. Consegui perceber com mais detalhes as ondas da água, o ritmo em que bebia e a força que precisava fazer para engolir cada gole. Não sei se isto teve influência com o exercício paralelo da privação da alimentação, ou se percebi tal fator com mais clareza por estar focando na perspectiva da duração. A fome continuava muito grande e sentia que isso, de alguma forma, deixava meu corpo com mais reação a estímulos, mais “a flor da pele”.

Após dezoito horas de privação: sentia meu corpo fraco e mais leve do que o normal. A força para fazer uma movimentação, um gesto, era menor do que normalmente percebo precisar fazer. Estava com bastante sono e uma ligeira dor de cabeça.

Na última vigésima hora de duração jantei. A comida tinha um sabor embriagante e senti que liberei algum tipo de contenção de energia que eu estava prendendo e acumulando. Minha sensação, ao analisar o exercício, é de que, ao saber que eu não vou comer, armazeno uma quantidade de energia maior para qualquer eventualidade que possa acontecer, como uma reação instintiva animal. Isto está no campo da minha sensação e não sei se é algo comprovável. Lembrei-me também da citação de Abramovic que apresento no item “Nove de outubro de dois mil e catorze: a) um possível porto”, página doze desta monografia, onde ela fala de uma alocação de energia presente em performances de longa duração. Talvez o que experienciei seja um caminho próximo ou vizinho a este.

## Intermitência de universos

Como esta citação de Abramovic surgiu novamente de forma espontânea na pesquisa, pensei em experimentar, como um exercício, o exemplo que ela cita sobre a porta. O exercício se constituí em abrir e fechar uma porta durante três horas. Fui para uma porta de um quarto vazio e me coloquei do lado de fora do quarto. Esta porta abre somente para dentro do quarto. Comecei a abrir e a fechá-la.

Durante a primeira hora percebi o movimento que fazia. Brinquei com ritmos lentos e rápidos e com a duração da porta permanecer fechada e também em constante movimento.

Na segunda hora de exercício, percebi que já havia estabelecido - sem um comando racional - certo padrão de movimentação, ritmo e duração. Comecei a perceber todos os detalhes que havia ao abrir o quarto. Via uma estante de madeira, caixas de mudança, um chão de borracha com rasgos e uma floresta, pela janela do quarto, com o sol batendo nas árvores. Tudo isso durava menos de quatro segundos e, então, a porta se fechava. Quando a porta se fechava, o que eu via era apenas ela, muito de perto. Com um tempo um pouco menor de abertura - algo em torno de dois a três segundos - percebia os detalhes da porta, que era de madeira escura e com ranhuras artificiais simulando tábuas e delimitações entre a madeira. E então a porta se abria novamente e eu tentava capturar mais detalhes. Isso aconteceu de forma cíclica por algum tempo, até que a formulação de certas imagens aconteceu. A sensação de estar entre dois ambientes se fez muito presente. Um era o quarto, onde percebia diversos detalhes, apesar de não pertencer a este ambiente. O outro ambiente, apenas a porta que ocupava todo meu campo de visão, parecendo-se um portal.

E então pipocaram várias palavras como: passagem; comunicação; intermitência; espiar; janela; simples; movimentos; e universos. E depois frases: A intermitência de algo sendo visto; A abertura de um portal; Dois universos distintos sendo vistos pela intermitência de uma porta; O que muda em cada intermitência; O espiar de uma janela. E finalmente havia surgido um “sonho vivo”:

Uma porta abrindo e fechando continuamente em um espaço vazio  
um homem nu sendo visto.  
Este homem *parece* não se mexer.

## **“Intermitência” como performance**

No encontro com a turma decidi levar este “sonho vivo” à prática. Pedi a colaboração do colega Hudson Salustiano para abrir e fechar a porta. A ideia é que a porta seja vista abrindo e fechando, mas que não seja visto a pessoa que faz esta ação.

Fiz um aquecimento com a respiração *pranayam* por quinze minutos e depois, ao parar, deixei que uma movimentação surgisse. A movimentação de balançar os braços para frente e para trás junto à cabeça surgiu. Fui aumentando sua intensidade e velocidade. Quando estava quase sem controle do movimento parei e tentei ficar imóvel. Depois de alguns minutos imóvel, fui lentamente mexendo a articulação de um dos braços. Este aquecimento me ajudou na percepção do menor movimento possível e necessário que pode ser feito. Parte deste exercício foi uma adaptação feita do exercício “Câmera Lenta” de Robert Wilson, encontrado no livro “Os Processos Criativos de Robert Wilson” (GALIZIA, 2005).

Todos saíram da sala e aguardaram no corredor do andar. Dei algumas instruções ao Hudson para ele passar a quem iria observar o acontecimento: o espaço de observação é fora da sala. É permitido observar da forma e do jeito que quiser o que acontece dentro da sala, apenas não é permitido entrar dentro dela.

Retirei minhas roupas e coloquei-me frente à porta. Senti um pouco de nervosismo. Dei um sinal ao Hudson para abrir a porta e começar. Havia conversado com o Hudson que ele poderia fazer a movimentação com a porta da forma que quisesse. Ele brincou com isso e fez diferentes “partituras”, abrindo-a ininterruptamente por certo tempo, alterando entre velocidades rápidas e lentas.

A cada abertura de porta buscava o olhar de quem me observava. Quando sentia que algo estava prestes a se estabelecer, a porta se fechava e a relação não se estabelecia. Essa intermitência me incomodou e ainda não sei se esse incômodo é positivo ou não. A sensação de um universo sempre sendo construído, como senti no exercício, ocorreu de forma parecida com a conexão do meu olhar com quem me observava. Também fui lentamente fazendo uma movimentação que surgiu no momento. Desde o começo do exercício ao seu término - que durou aproximadamente quinze minutos - levei minhas duas mãos ao estômago e fui pressionando-as contra minhas costelas. Em uma das vezes que a porta fechou olhei para o Hudson dando o sinal que deveria acabar.

Após o exercício conversei com Zé Luiz sobre o processo de como cheguei até este “sonho”. Contei que sua preparação se originou através do exercício da porta e que os

princípios trabalhado eram a duração e a intermitência. Ele separou o acontecimento em três instâncias: o olhar, a minha movimentação e a movimentação da porta. Concordamos que a movimentação da porta era uma decisão cênica e que ela deveria ser trabalhada. Sobre a movimentação, ele me perguntou o que me levou a levar os braços ao estômago e eu intui que foi por estar fazendo o exercício da privação da alimentação. Então ele me questionou se essa movimentação dialogava com a ideia das intermitências e dos diferentes universos. Concordamos que não. A mesma questão foi indagada sobre que olhar eu estaria lançando aos observadores e o que ele queria estabelecer.

## **Desenvolvimento**

### **a) olhar e movimentação**

A frustração remanescente de não conseguir desenvolver completamente a pesquisa dos “gatilhos” foi sendo preenchida pelo desenvolvimento da performance “intermitência”. Fui trabalhar os apontamentos sobre o que eu e Zé Luiz conversamos. Concomitante a este processo, tinha acabado de fazer um *workshop* chamado “É Performance?”, ministrado por Daniela Amorim. No seu término, foi proposto que levássemos uma criação nossa e decidi levar a performance “duas lembranças + um poema”<sup>9</sup> que realizei no começo deste semestre. Durante a performance, enquanto caía a cera de vela nas minhas costas eu olhava para quem me observava. Percebi que a dor causada pela cera quente gerava uma disposição diferente na relação do olhar entre mim e os observadores. A vela também influenciava na dilatação do tempo, sendo um agente que causava sinestesia (normalmente incômodo) para os observadores, além de ser um objeto que representava signos que agregavam a dilatação do tempo: uma vela pingando e diminuindo formando o signo de relógio.

### **b) exercícios antigos reverberando**

Em uma segunda prática diante da turma, decidi trazer o elemento da vela. Pensei bem antes se ele entraria ou não. Entendo que qualquer tipo de informação nesta pesquisa pode alterar seu sentido e perder a proposta de dilatação do tempo. Qualquer informação que adiciono dará um significado novo, alterando a percepção e compreensão dos observadores. Percebo aqui o quanto este trabalho acaba dialogando com a simplicidade do exercício do copo e como estímulos mínimos tem enormes potências e significados.

---

9 Para recordar, visite a página três

### **c) introduzindo o fogo**

Introduzi a vela na segunda prática. Segurava-a com a mão esquerda em um ângulo de 45° e com a palma da mão direita para cima deixava a vela pingar. Também fiz mais perto da porta, quase no limite físico possível para ela não bater em mim. A abertura da porta fazia vento e algumas vezes quase apagava a vela. A sensação da vela pingando em minha mão me trouxe sensações e eu tentei compartilhá-las com os observadores. Minha sensação é que houve possibilidades de diálogo entre olhares.

Após, em uma conversa com o Zé, ele apontou que a proximidade com a porta dava a ideia de uma moldura, perdendo um pouco a construção da divisão de universos. Ele também sugeriu novas qualidades na movimentação da porta, como uma maçaneta que pode começar se mexendo. A disposição dos observadores também deve ser pensada; como eles veem o que está acontecendo? Por fim, apontou que o segurar da vela em 45° dava a entender um processo de autoimolação e que isso se distanciava das outras construções. Sugeriu que eu segurasse a vela verticalmente.

### **d) no escuro**

Na terceira prática levada à turma, introduzi a falta de luz deixando apenas a vela como fonte de luminosidade. Isso contribuiu com a imagem da relação de universos distintos. Com a falta de luz, a minha procura pelo -o que - olhar ganhou outra qualidade, tanto na qualidade do olhar, quanto nas minúsculas movimentações que fazia, mudando o peso de um pé para outro, inclinando o quadril, movimentando a cabeça, etc. Todas passaram a ser preenchidas pela procura.

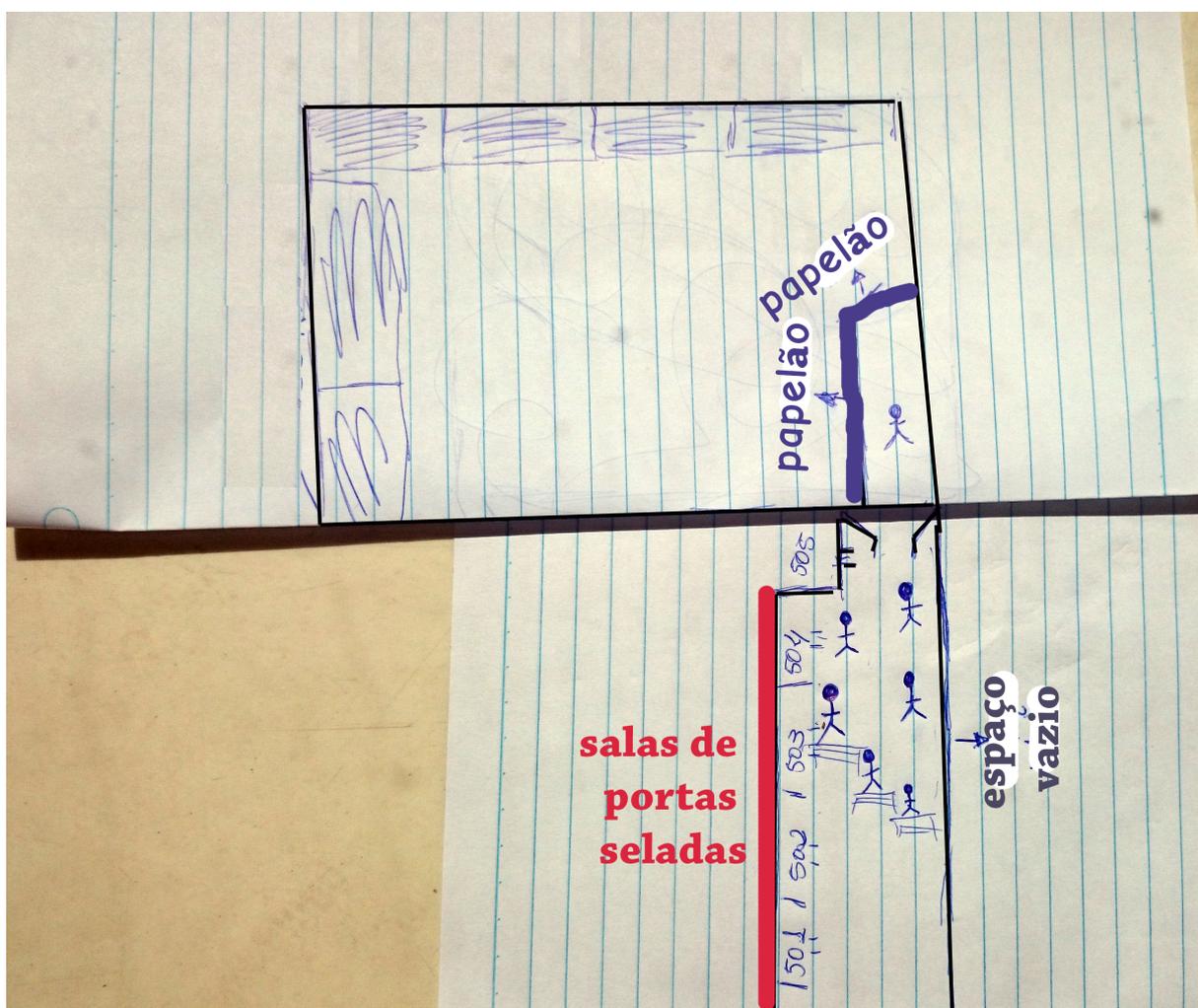
### **Falta alcançar**

Vejo um caminho nas instâncias da movimentação e do olhar. Com a pesquisa ainda em processo, essas instâncias vão transformando-se e ganhando mais preenchimento. O que entretanto ainda não está encaminhado são escolhas cênicas importantes. A movimentação da porta ainda não é a ideal. Zé Luiz sugeriu que ela devesse ser na maior parte do tempo uma “porta real”, sem uma movimentação constante, acionada pontualmente e somente se necessário. Ainda não testei essa possibilidade. Colada à questão da movimentação da porta, está a disposição dos observadores: como fazer com que estes sintam-se atraídos a ver o que

há detrás da porta, tendo o ímpeto quem sabe de interagir com ela, querendo adentrar nesse outro universo?

## Preparação cênica

Passaram-se as duas semanas restantes para a defesa desta monografia e sua conclusão. Durante estas duas semanas o trabalho ganhou foco na produção e reflexão de como o ambiente seria preparado e como seria proposta a disposição dos observadores. Tive algumas conversas com a Heloísa e o Zé sobre o cenário. Essas conversas foram essenciais. Depois de algumas elucubrações, chegamos juntos no gráfico que tive que montar:



As principais mudanças em relação aos ensaios foi no pensamento da disposição dos observadores. A mudança para a sala 506 foi estratégica a fim de que somente nesta disposição o público teria o espaço amplo de um corredor para se espalhar e ver em diferentes planos a performance ocorrendo por detrás da porta. Também permaneceu e fortaleceu-se a

ideia de que a única fonte de luz de todo o ambiente seria a da vela. E desta resolução cheguei a conclusão de que tudo que me cercasse estaria dialogando e dizendo algo. Neste caso haviam prateleiras parafusadas, quadros e uma placa fixada na porta que diziam algo. E não dialogavam. Entendendo como todo pequeno detalhe influenciaria fui ao encontro de conseguir montar este ambiente idealizado.

Volto, para o detalhe da palavra que empreguei um parágrafo atrás logo antes de apresentar o gráfico. Levando a ideia cirúrgica da prática para o texto, a palavra “tive” foi proposital, pois acho importante salientar o atrito necessário que tive nas solicitações para conseguir as remoções dos objetos, assim como a vedação de luz de todo o corredor. Foram trinta e seis e-mails trocados entre mim, meu orientador, a coordenação, e a administração da instituição, em menos de uma semana. E se a tendência é inclinar-se a uma crítica com isto que estou dizendo, pelo contrário, não é. É o agradecimento e, a mensagem de que tudo pode ser realizado e proposto, utilizando-se de argumentos razoáveis e sendo generoso.

## **Salto temporal**

Tudo estava finalmente pronto. Depois de horas antecedentes montando as paredes de papelão – com muita ajuda de Aimée Serafim, Rafael Rodrigues e Carolina Bauberger – e vedando as portas das salas de todo o andar, o ambiente estava finalmente pronto para estar totalmente no escuro.

Luzes apagadas em todo andar, me contrava já sem roupa e segurando a vela, estando apenas com meu parceiro-porta Hudson Salustiano dentro da sala. Lá fora havia apenas o orientador Zé Luiz e a banca Heloísa Lyra.

Vela acesa e porta entreaberta. Silêncio.

A sensação de alguns minutos se passando e, silêncio.

Com tudo muito escuro, não conseguia enxergar o que havia lá fora.

Senti uma massa de ar quente invadir o espaço

e somente então, as pessoas fizeram-se presentes.

A porta permaneceu entreaberta com as pessoas

já observando os recortes de corpo que a fresta da porta entregava de mim

eu, apenas enxergava cabeças e vultos

Então a porta abre-se não pelo movimento de Hudson-porta,  
mas pela ação de algum observador.

Este entra e, Hudson-porta fecha num supetão.

Eu e o observador nos olhamos por segundos que duraram muito tempo.

Apenas nos olhamos, parecia não bastar mais,

até que o observador deu passos para trás,

Hudson-porta abriu totalmente, e o observador retirou-se.

Não mais em fresta, a visão era total para com os observadores.

Muitos pareciam curiosos e tinham o ímpeto de entrar, mas não se mexiam.

E então mais um decidiu passar o limite do corredor para a sala, e novamente

Hudson-porta fechou-se.

E repetiu-se o mesmo rito de relação com o observador,

este com um olhar leve, totalmente diferente do anterior

E mais um terceiro.

E todo outro ciclo e relação acontecem.

E isto se repete com mais duas pessoas.

E...uma voz interrompe.

Era meu orientador, Zé Luiz, falando as palavras costumeiras do término das defesas práticas, agradecendo a todos e informando a sala onde seria dada a continuação da defesa, com a defesa oral e os comentários da banca. Quinze minutos haviam passado e estourado meu tempo. A minha percepção era de que o trabalho havia acabado de começar, e de que eu estava encerrando o primeiro minuto. Que sensação gostosa! Ao mesmo tempo em que aconteceram ricos e prolongados momentos - alargando uma sensação cotidiana de quinze minutos passados - paradoxalmente a sensação era de muito pouco tempo passado.

A ação de tantos observadores entrarem e dialogarem de forma tão direta comigo foi uma surpresa. Imaginava que se acontecesse, seria apenas com uma pessoa, não com tantos. O esperado e confirmado foi quanto a duração necessária - e satisfatória - que o trabalho deveria ter. Os quinze minutos foram uma prova. Como quando se vai em uma sorveteria: o sorveteiro lhe dá um pedacinho de sorvete em um pedacinho de pá e você sente o gostinho do que pode ser aquilo. Se gostar, pede o sorvete todo, uma ou duas bolas, em um copo bem maior. É exatamente essa minha sensação. O sabor é este, e agora quero o copo! Imagino como este trabalho iria durar e se transformar com duas, três, ou seis horas de duração. Se conseguir realizar essa extensão futuramente, será um prazer imenso!

### 3. Regurgitofagia: a título de conclusão

Uma sensação que ocorreu durante muitas vezes nesta pesquisa foi a de estar sempre voltando para o mesmo lugar. A imagem de um labirinto com várias portas diferentes que me levavam sempre para uma mesma sala. Não no sentido de não estar caminhando, ou como a falta de estar progredindo. A sensação assemelha-se mais ao de percorrer um círculo em formato de teia, que a cada vez completado, encontrava algo novo mas que sempre esteve ali! Bem na minha frente.

Isso aconteceu em muitos momentos da pesquisa e de diversas formas. Como no capítulo “Visitando uma loja de materiais de construção”, página dois desta monografia, onde pela primeira vez escolhi usar o neologismo *regurgitofagia* de Michel Melamed, o qual dialoga, indagando - quais excessos vomitar para avaliar o que se quer redeglutir - e encaixando-se com essa reflexão final - essa sensação de voltar sempre para o mesmo lugar percebendo a mesma coisa de uma outra forma.

Alguns exercícios também começaram a ser desenvolvidos e não foram mais citados, como o exercício *série privações de sentidos; aquecimento do grito e simulando um banho*, além do exercício *escrita automática* que foi repetido mais não relatado. Isto ocorreu devido a necessidade do recorte que a pesquisa foi pedindo. A passagem por estes exercícios foi, entretanto, fundamental para a fomentação de todas as experiências conseguintes. Assim ocorreu também com fontes de pesquisa que apresentam-se em *Referências e suporte à pesquisa* encontradas no término desta monografia. O motivo de eu citá-las poucas vezes foi pelo fato delas estarem mais como guias que indicavam traçados de possibilidades, do que devidamente como fontes fundamentadoras de descobertas. Como apontei lá no começo da pesquisa, no item “Visitando uma loja de materiais de construção”, página dois deste monografia, o exercício da visita dessas palavras escritas e imagens registradas foi o de fomentar fluxos de pensamento distintos dos fluxos mentais que operam em questões e problemas do cotidiano, contribuindo assim para uma nutrição criativa.

Outro exemplo que indica essa volta para o mesmo lugar é o grifo da duração, que desde o começo até o final se fez presente, apresentando-se de várias formas diferentes como objeto de pesquisa durante a pavimentação dos caminhos traçados. Começou apenas como a percepção de um apontamento, algo que com frequência percebia utilizar em muitos trabalhos, e terminou como um instante a ser desenvolvido, ganhando forma e escopo até chegar às disposições de dilatação do tempo. Quando olho para trás e lembro de “duas

lembranças + um poema”, como primeiro desejo apresentado, e vejo que “intermitências” tem muito dele, rio e me sinto um tolo!

Mas, se o texto até aqui deixa no ar alguma sensação de desperdício ou arrependimento, não se engane! A experiência deste processo foi muito válida. Aquilo de mais fresco que vêm à memória é a qualidade do “simples” que eu consegui perceber. Como na prática dos exercícios “copo d’água” e “contando arroz”, ao conseguir enxergar detalhes antes imperceptíveis. Isso me ajudou a realizar esta reflexão de voltar sempre ao mesmo lugar.

Estes exercícios, assim como “intermitências”, trouxeram a percepção de que esta sensação de voltar sempre ao mesmo lugar, percebendo a mesma coisa de forma diferente através de outra perspectiva, dialoga intrinsecamente com essa busca por camadas invisíveis só alcançáveis através da duração. Começo a perceber isso no item “Copos como maré ou ondulações do grifo: duração”, página dezoito desta monografia, ao identificar que cotidianamente, a sensação ao beber água é de que ela desliza por minha garganta, já durante o exercício, ela fere minha garganta, como tiros de um revólver. E são incontáveis os tiros possíveis que existem em um copo cheio de água. É como se eu suspendesse o tempo e conseguisse ver detalhes antes imperceptíveis. É neste momento que geram-se as dilatações de tempo.

## **Referências e suporte à pesquisa:**

### **A) Bibliografia textual**

- Abramovic, Marina, “Abramovic Method”, livro (PDF) digital, 2014;
- Artaud, Antonin, “O Teatro e seu Duplo”, Martins Fontes, 2006;
- Bonfitto, Matteo, “Entre o Ator e o Performer”, São Paulo, Perspectiva: Fapesp, 2013;
- Brecht, Stefan, “The Theatre of Visions:Robert Wilson”, Nova York, Methuen Drama, 1982;
- Galizia, Luiz Roberto. “Os Processos Criativos de Robert Wilson”, São Paulo, Perspectiva, 2005
- Galizia, Luiz Roberto. “Teremos de Ser Radicais”, em Ar'te, nº9, Ano II, 1984, São Paulo.
- Jung, Carl G. “O homem e seus símbolos”, Rio de Janeiro, Nova Fronteira;
- Ligeiro, Zeca, “Performance e Antropologia de Richard Schechner”, Rio de Janeiro, Mauad X, 2012;
- Melamed, Michel, “Regurgitofagia”, Rio de Janeiro: Objetiva, 2005;
- Reis, Kleper, defesa de conclusão de curso da UniverCidade: “Incômodos: Para quem ainda vier a me amar”;

### **B) Sites visitados na WWW**

#### **Estudos textuais:**

- Breton, Andre, “Manifesto surrealista”,  
<http://www.culturabrasil.org/zip/breton.pdf>
- Cypriano, Fabio, “Leia a entrevista de Marina Abramovic na Íntegra”  
<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2010/11/831250-leia-a-entrevista-de-marina-abramovic-na-integra.shtml>
- Santos, José Mário Peixoto, “Breve histórico da “performance art” no brasil e no mundo”,  
[http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/ze\\_mario.pdf](http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/ze_mario.pdf)
- Theophilo, Roque, “A Transdisciplinariedade e a modernidade”  
<http://www.sociologia.org.br/tex/ap40.htm>

#### **Estudos visuais:**

- ES3, Coletivo, “Perfoda-se - um documentário sobre performance arte”,

<http://vimeo.com/70489200>

Groisman, Michel,

<https://www.youtube.com/user/michelgroisman>

Nazareth, Paulo,

[https://www.youtube.com/channel/UCRGEuZ118QdpU3qu\\_d5oniw](https://www.youtube.com/channel/UCRGEuZ118QdpU3qu_d5oniw)

Rolla, Marco Paulo,

<http://marcopaulorolla.blogspot.com.br/p/videos.html>

X, Márcia,

<http://www.marciax.art.br/mxObras.asp?sMenu=2&sTipo=2>

## **Anexo**

O anexo “Projeto: Retalhos” apresentado a seguir é o rascunho de projeto defendido na primeira Banca de Qualificação que ocorreu durante o período da defesa.

Há ainda os anexos que não estão presentes, pois encontram-se apenas presentes em DVD. Estes são referentes aos áudios do item “duas lembranças + um poema”, e o registro visual do item “Da série privação de sentidos nº2: braços”.

### **Projeto: Retalhos**

Em um momento anterior, antes dos vinte minutos apresentáveis, o ator “farraria” parcialmente o chão do espaço, colocando grãos de feijão no chão. A ação ocorreria com o colocar de um grão no chão por vez, tendo uma duração média de seis horas antecedentes.

**→ este fragmento é oriundo dos exercícios da contagem de arroz e da proposta de Abramovic para exercícios de longa duração**

Em um segundo momento, o público seria convidado a entrar no espaço, com os pés descalços. Há um diálogo nesse primeiro contato, com a ênfase para todos sentirem-se a vontade, podendo ficar onde quiserem, da forma que quiserem.

Após este assentamento, seria oferecido um caldo de feijão, dando-se as seguintes instruções:

olhar as comidas: o aspecto, as cores, os formatos, a consistência, a textura. Te chama ou te afasta?

sentir o cheiro: é profundo ou é sutil, impregna, ou passa rápido, tem a ver com o gosto, ou é só perfumado, combina com o visual, ou surpreende?

mastigar: é duro ou mole, se desfaz ou é grudento, suja ou não suja os dentes, gruda ou não no céu da boca

paladar: é azedo, é salgado, é doce, é amargo, é uma mistura desses dois, dá sede? É pesado, ou é leve, satisfaz, ou dá vontade de querer mais

após o engolir: o gosto muda, permanece ou some, o que se sente? O que se pede em seguida?

**→ este fragmento pertence a brincadeira da indução à sinestesia como foi realizado em um dos exercícios no começo do semestre**

Em algum momento, direta ou indiretamente - talvez não nessa ordem - o performer revelaria (verbalmente, ou através de vídeos, ou com ações, ou de outra forma) estar em jejum por 'X' dias (o qual eu estipularia com exercícios e uma preparação para entender meu limite possível).

→ este é um fragmento de um desejo da realização de um exercício da cartilha, o exercício de jejuar